



Imagem a recuperar

A FUNAI tem agora seu quinto Presidente nomeado desde o início do Governo Sarney. Dá quase um Presidente por mês o que, convenhamos, é excessivo, quase catastrófico.

PARA o bom andamento dos trabalhos na área indígena e para livrar o Governo da imagem de desorganização que o episódio lhe confere, seria bom que o jovem Apoena sentasse na cadeira de chefe da Funai e de lá não arredasse tão cedo.

Villas Boas: Ministro quer fazer política

BRASILIA — O Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, "é um homem sem ação, não entende nada de índio e tem como única preocupação sua carreira política", acusou ontem o sertanista Alvaro Villas Boas, demitido terça-feira passada da presidência da Funai.

Villas Boas disse ainda que, ao nomeá-lo, Costa Couto quis apenas "usar o nome dos Villas Boas (Alvaro é irmão de Cláudio e Orlando, fundadores do Parque Nacional do Xingu) em véspera de campanha eleitoral".

O ex-Presidente da Funai convocou a imprensa para uma entrevista na Torre Palace Hotel, onde sempre se hospedou desde que foi nomeado para o cargo. Fez várias denúncias, inclusive a de que funcionários da Funai em Brasília recebem comissões de hotéis que hospedam índios às custas do Governo.

Villas Boas negou que tivesse pedido demissão do cargo, conforme constou do decreto presidencial. Declarou que soube da notícia de uma forma "deselegante": através de um telefonema do próprio Ministro, agradecendo por seus serviços e dispensando-o. Negou também que houvesse recebido apoio do Governo durante sua gestão e afirmou: "A Funai é um caos e ninguém tem coragem de tomar uma atitude. A saída é a descentralização de Brasília, mas para isso é preciso outro Ministro e não este que está aí."

Em seu desabafo, disse estranhar que o Ministro tenha "escondido" o resultado da auditoria feita no órgão ainda na gestão de seu antecessor, Gerson Alves. Sobre seu sucessor na presidência da Fundação, Apoena Meireles, Villas Boas disse ser "uma pessoa excelente, mas não vai conseguir resolver as crises da Funai, porque o problema é estrutural".

Não poupou a Nova República, que para ele é "frágil, incompetente e melosa", o Governo "mais fraco que o Brasil já teve desde Tomé de Souza". Para resolver os problemas nacionais, sustentou, "é preciso homem e aqui não tem homens, Ministros e nem Governo. Tudo é uma farsa".

Na Funai, Ministro dá posse a Apoena e índio grava promessas

BRASILIA — De cocar, gravador debaixo do braço e atento aos discursos, o líder guajajara Petrucio puxou todos os aplausos de cerca de cem índios que ontem foram à posse do quinto Presidente da Funai na Nova República, o sertanista Apoena Meireles. As lideranças de mais de dez grupos indígenas declararam apoio e esperança no novo dirigente mas, sobretudo, revelaram alívio pois há mais de 20 dias não conseguiam encaminhar seus problemas, pois o ex-Presidente, Alvaro Villas Boas, não ia a Brasília.

Mais de 200 pessoas lotaram o auditório do Ministério do Interior onde, num discurso inflamado, o Ministro Ronaldo Costa Couto respondeu às críticas de Alvaro Villas Boas e elogiou Apoena Meireles:

— Um Governo, para ser forte, não tem que ser truculento, nem tem que exercer o autoritarismo. (Villas Boas queria que ele utilizasse a Polícia para retirar índios das delegacias de Londrina e Salvador e da sede da Funai). Não abrimos mão do exercício da autoridade, seja no Ministério, na Funai ou na Nova Repu-

blica. Mas autoritarismo, não — disse o Ministro.

Ele também fez questão de "resgatar a verdade" para responder aqueles que "culpam os índios por estarem em Brasília em grande número". Segundo Costa Couto, grande parte deles está em busca de soluções para seus problemas "legítimos", que não são resolvidos nas delegacias. Mas, ao mesmo tempo, deixou claro que "não é bom" para o índio ficar em Brasília e "nem é bom" para a Funai, que se vê obrigada a gastar em alimentação e estada recursos que deveriam estar sendo remetidos para as aldeias. Acrescentou que apenas o índio precisa de auxílio médico e que deve vir para a Capital. Os índios aplaudiram o Ministro por essas palavras.

Petrucio gravou as entrevistas de Meireles para levar ao seu grupo "o testemunho daquele que apoia". O pataxó Saracura, que Alvaro Villas Boas disse não ser índio declarou que está "animado" e espera que o novo-presidente demarque as terras de seu grupo na Bahia. O xavante Aniceto Apóia, mas ainda está

cauteloso, "pois vai depender de quem ele nomear para as diretorias".

O guarani Euzébio Martins tem certeza de que Apoena Meireles vai reabrir a Delegacia da Funai em Londrina, fechada por Villas Boas e até hoje ocupada por várias tribos. Segundo ele, esta é também a expectativa dos índios da Bahia, que estão na Delegacia de Salvador, igualmente desativada pelo ex-presidente.

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) procurou ser cauteloso nessa nova mudança, preferindo manifestar sua preocupação com a proposta de Apoena Meireles de descentralizar a Funai. Segundo o Secretário-Geral Antônio Brant, essa proposta tem que ser analisada com bastante cuidado para que, transferindo as decisões para as delegacias, a questão do índio não fique entregue às pressões de Governadores e oligarquias regionais.

Mas o Ministro Costa Couto tem certeza do sucesso dessa proposta e afirmou que já está negociando com a Seplan a liberação dos recursos necessários.

Primeiro desafio é tirar índio de Brasília

BRASILIA — O primeiro passo do sertanista Apoena Meireles na presidência da Funai será tentar fazer com que os mais de 300 índios que estão na capital voltem às suas aldeias, mas sem usar a força, como era defendido por seu antecessor, Alvaro Villas Boas. Apoena disse que não pedirá aos índios que retornem às suas áreas, pois acredita que isso acontecerá à medida em que seus problemas forem resolvidos.

Cercado pelos índios que foram assistir à sua posse, 20 minutos depois da solenidade o novo dirigente da Funai já tirava a gravata que compunha seu terno jeans e desabotoava a camisa. Voz calma e baixa, Apoena

na Meireles declarou que assume agora a mais difícil missão de sua vida de sertanista.

Ele acredita, como seu antecessor, que ninguém consegue administrar a Funai como ela está hoje. "Mas o que eu não poderia deixar de fazer é correr o risco de tentar. Eu prefiro isso a me omitir", acrescentou. Para ele, a solução para o órgão está na sua completa reestruturação, porque hoje a Funai é "uma grande delegacia nacional".

Acha que terá meios para isso, uma vez que o seu projeto já está em fase de elaboração no Ministério do Interior. Apoena quer criar em Brasília uma assessoria, pra cui-

dar da questão de demarcação, e um conselho indigenista "forte", com o papel de fiscalizar a execução da política indigenista e cuidar do fortalecimento administrativo e financeiro das delegacias regionais. Revelou que isso poderá ser feito logo que forem liberados os Cr\$ 20 bilhões de suplementação orçamentária.

Não deu prazo para iniciar o seu projeto. "Na Funai a gente não dá prazo, as contingências é que definem isso", observou, deixando claro que a execução depende de recursos e que na falta deles não é um problema só da Funai. Para ele, se a opção do Governo for por um projeto social, "a Funai entra, mas se não for, fica uma situação difícil".